A FRUSTRAÇÃO DA LINGUAGEM NA POESIA DE ANA CRISTINA CESAR

Janaina Cardoso Brum (UCPel)

Os paradigmas literários vêm mudando vertiginosamente desde meados do século XX, acompanhando as diversas e, cada vez mais rápidas, mudanças sociais. O fazer literário pode ser concebido, agora, sempre "em se fazendo"; o objeto artístico (o texto) não constituindo apenas um produto, mas antes um processo, em um movimento ora entre si e seu escritor ora entre si e seu leitor, revelando, como não poderia deixar de ser, uma reflexão sobre o uso da linguagem na poesia. Se o fazer literário sempre foi tema da literatura, o fato de a linguagem não funcionar como meio de representação linear e objetiva da subjetividade é constantemente tema da escritura característica da contemporaneidade.

Neste trabalho, analisamos a poesia de Ana Cristina Cesar no que concerne à linguagem como foco/ tema da escritura, como meio através do qual se busca a interação entre o "eu" e o "outro", cuja precisão é impalpável, remota; para tanto se enfoca sua utilização no discurso amoroso, e sua relação com o corpo. Assim nasce o desejo do verbo como corpo sensual que espreita a poeta e que constitui sua busca, essa busca voraz da palavra unívoca que leve ao outro o seu desejo em sua forma original, pura, a qual será sempre frustrada.

Desse modo, considero que a poesia em Ana Cristina Cesar nasce da frustração. Seja da frustração causada pela ausência do *pai bom e viajoso*, ao qual é dedicado o poema *Esvoaça... Esvoaça* (CESAR, 1985: 24), seja por não ter a atenção daquele *que fuma tão distraidamente*, como se vê no poema *Ciúmes* (CESAR, 1985: 30), seja ainda por não encontrar *a palavra que todos os homens sabem*, como em *Ulysses* (CESAR, 1985: 121,122).

Nos primeiros poemas da coletânea *Inéditos e Dispersos*, é em relação à figura masculina que a falta de atenção se evidencia. Assim, a relação amorosa nunca se realiza no que concerne à presença (integral, total) do outro, como podemos ver no poema a seguir:

FEVEREIRO

Quando desisto é que surges
Quando ruges é que caio
Quando desmaio é que corres
Quando te moves me acho
Quando calo me curas
E se te misturo me perco
(assobia!)
(CESAR, 1985: 47)

Há uma incompatibilidade entre a presença do ‘eu’ e a presença do outro. A distância é mantida apesar do desejo. Dessa forma, podemos dizer que o amor apenas se realiza em razão de sua própria busca, em meio a suas contradições e seus receios, em meio à inexperiência e à vontade de estar tão perto do outro (na perspectiva da realização amorosa) ao ponto de ‘eu’ e ‘outro’ se confundirem na poesia, como no fragmento a seguir, no qual há uma fusão entre ‘eu’ e outro, evidenciada pelo falta de espaçamento entre as palavras “eu” e “você”: (...) *(sussurro:) Euvocê.* (CESAR, 1985:31).

Nesse sentido, podemos convocar as palavras de Roland Barthes: *É o meu desejo que desejo, e o ser amado nada mais é que seu agente* (BARTHES, 1989: 23). Parece-nos que o amor, o desejo do enamorado está centrado, não no objeto (o outro), mas no próprio sentimento. É a busca de um sentimento que precisa do outro para se realizar, mas que não o tem, no entanto, como foco: é a busca da experiência amorosa por si só, que não é independente apenas porque precisa de um meio, de um agente, ou seja, não é a falta do outro que incomoda, é, sim, a possibilidade do fim, da morte do desejo em si. O outro é o agente que tem apenas o papel de “causar” a falta que instaura o desejo.

Na poesia de Ana Cristina, a realização concreta da relação amorosa é sempre problemática e, em algumas vezes, sequer é realizada. Sua *persona* poética ama o amor, o sentimento unilateral que parte e depende dela, tendo no ‘eu’ (e não no outro) a causa, e por conseqüência o sofrimento típico do ser enamorado, No poema abaixo, a *persona* vê-se frente a essa situação:

(...)
Acreditei que se amasse de novo
esqueceria outros
pelo menos três outros rostos que amei
Num delírio de arquivística
organizei a memória em alfabetos
como quem conta carneiros e amansa
no entanto flanco aberto não esqueço
e amo em ti os outros rostos
(...)

(CESAR, 1985:161)

Na ilusão de que, com o surgimento de novos amores, teria fim o sofrimento causado por amores antigos, a *persona* vê-se frente à ineficácia da suposta 'substituição' que, ao contrário, só aumenta a intensidade desse sofrimento. Nem mesmo a racionalização dos 'amores' anteriores é capaz de acabar com o sofrimento, que só é confirmado na perspectiva de um novo objeto de desejo. Assim, sua tentativa é frustrada, o sentimento doloroso é intensificado, a *persona* ama (e por conseqüência sofre por) ainda mais um *rosto.*

Imagino como seria te amar

teria o gosto estranho das palavras
que brincamos
e a seriedade de quando esquecemos
quais palavras

imagino como seria te amar:
desisto da idéia numa verbal volúpia
e recomeço a escrever
poemas

(CESAR, 1985:87)

A não-presença do outro desencadeia uma idéia de evasão através da escrita. A *volúpia* carnal é posta de lado e dá lugar a uma *volúpia* do verbo A busca amorosa é transformada na busca da palavra exata, da palavra que diga, que seja porta-voz da fala plena, do verbo que esteja vivo. É a vontade de transformar seu próprio corpo em linguagem. Vejamos o poema a seguir:

Olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas

(CESAR, s/d: 59)

É a materialidade poética querendo ser capaz de ferir, de atingir diretamente o corpo humano. É o corpo humano querendo ser linguagem. Ana é voraz ao buscar a linguagem que seja corpo. Nas palavras de Ítalo Moriconi: *voracidade de incorporar a linguagem como tatuagem, transformar o próprio corpo em corpo-fonte, corpo-letra.* (MORICONI, 1996: 95), É a vontade de estar no poema, de ser o poema, de desnudar completamente o desejo, a *história que não pode ser contada*, vontade de ser um todo de linguagem, de fundir sua própria vida na instância da criação.

Nesse sentido, Ana cria um universo de linguagem e, assim, a relação entre ela e o verbo estreita-se a ponto de levar ao extremo a concepção de poesia como fazer erótico. *Eros avizinha-se da poesia, que só produz no domínio da beleza. Assim, todo fazer se erotiza* (Schüler, 1992: 95). O fazer poético se erotiza: tudo se faz no âmbito do desejo. No poema a seguir, a fusão corpo-poema apresenta-se de forma bastante clara:

I

Enquanto leio meus seios estão a descoberto. É difícil concentrar-me ao ver seus bicos. Então rabisco as folhas deste álbum. Poética quebrada pelo meio.

II

> Enquanto leio meus textos se fazem descobertos. É difícil escondê-los no meio dessas letras. Então me nutro das tetas dos poetas pensados no meu seio.
>
> (CESAR, 1985:92)

A intersecção entre vida (enquanto fazer amoroso) e obra (prática da escritura) é evidenciada nesse poema. Na primeira parte, o corpo descoberto constitui a *quebra* do fazer poético, isto é, o corpo interfere no processo de escritura. Já na segunda parte, o ato de escrever constitui o que Corbière chama de *mélange adultère de tout* (mistura adultera de tudo), o *seio* (corpo) confunde-se nas *tetas dos poetas*, no seio da tradição da qual se nutre, *pensar poetas transforma-se em auto-reflexão* (MORICONI, 1996:96).

Seus poemas incorporam versos alheios que se transformam em *bichos nunca vistos*, assumindo novos sentidos. É o desejo de ter a sua linguagem e a linguagem do outro se tocando, é a vontade de aglutinar o outro ao seu próprio corpo, a seu próprio discurso, num ato antropofágico, quer engolir, quer sugar os poetas da tradição, usando seus versos, distorcendo-os, readaptando-os, reescrevendo-os, redimensionando-os. Ana quer unir a sua obra e a do outro. No seu *Fragmentos de um discurso amoroso*, Barthes parece antecipar Ana Cristina: *A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo.* (BARTHES, 1989: 64)

A palavra treme de desejo. Assim nasce a voracidade da poeta. Essa voracidade na busca da palavra empenhada em levar ao outro o seu desejo, empenhada em levar a sua presença ao outro. Ana busca a linguagem que não só diga, mas que inscreva o *tempo e o espaço no discurso*, não os representando, distantes, somente.

A poesia de Ana Cristina César faz-se no âmbito da alteridade (como não poderia deixar de ser). Assim, não se apresentam em sua obra textos que privilegiam o ‘esconder’ em detrimento do ‘desnudar’. Muito pelo contrário, podemos ver em seus poemas a tentativa de desnudar a subjetividade (entendida como aquilo referente ao ‘eu’ e, por isso, sempre polissêmica) num processo de objetivação, que se faz com o intuito de que sua fala subjetiva transcenda os limites do ‘eu’, buscando, mais que intersubjetividade, uma fusão total com o outro. Sua *persona* quer que o outro não só

conheça, mas que sinta aquilo que sente, quer saber *qual a palavra que todos os homens sabem,* ou seja, quer a língua que seja mais que código comum entre os seres, mas que suscite no seu interlocutor a mesma sensação que lhe causa (causou).

Essa busca da linguagem que expresse ao outro exatamente aquilo que sente será sempre frustrada. A palavra posta no papel será sempre *a metade na página partida, a face dura do poema,* essa *superfície negra* que anseia por vir à tona, esta subjetividade que se pretende objetiva, que não quer apenas estar inscrita na linguagem, mas ser linguagem.

O ideal da linguagem em Ana Cristina Cesar parece se constituir exatamente a partir deste processo de objetivação. A *persona* poética de Ana busca um sentido linear que seja partilhado e, assim, nada polissêmico, o que é incompatível com a idéia que concebe a subjetividade como circunscrita aos limites do 'eu'.

A realização deste objetivo só poderia ser alcançada se funcionasse a concepção de linguagem como representação na qual teríamos o significante (entendido como superfície lingüística) em consonância com as coisas do mundo, pressupondo assim um sentido único, que pode ser plenamente partilhado. Porém, a literatura não comporta esses limites: *(...) o texto literário não representa a realidade, não é cópia do mundo, existindo um hiato, uma inadequação, uma arbitrariedade entre a realidade e o mundo, entre as palavras e as coisas, entre significados e significantes.* (GIROTTO, s/d: 1)

> (...)
> SOB PONTUAÇÕES IMPRECISAS
> TUA LARGUEZA É MAIOR QUE NOMES
> (...)
> (em busca da palavra exata
> me engasguei num horizonte curto demais
> (...)
>
> (CESAR, 1985: 58)

A busca da poesia de Ana Cristina será sempre frustrada. A busca ali está, inscrita, porém não é pretensão da poesia achar uma solução, mas a procura frustrada faz o seu motivo e mais, instaura o próprio objeto literário, de escritura e de leitura, que é o texto.

O papel da linguagem já não é o mesmo papel que tem na fala cotidiana, na categorização das coisas do mundo e na estruturação lógica do pensamento, na literatura, a linguagem serve à arte. O poema constitui um universo de linguagem em si e é sua própria *lógica circundante.*

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso.*Trad. de Hortência dos Santos. 9ª ed. – Rio de Janeiro: F. Alves, 1989

CAMARGO, Maria Lúcia. *Atrás dos olhos pardos – uma leitura da poesia de Ana Cristina César.* Chapecó: Argos, 2003.

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés.* s/d.

CESAR, Ana Cristina. *Inéditos e dispersos.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIROTTO, Nara Lúcia. *Blanchot, Foucault e Deleuze: convergências entre a palavra literária, a experiência do Fora e o impensado. s/d.* IN: http://www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2coloquio/convergencias_palavra_literaria.pdf, site visitado em 25/03/2007.

MALUFE, Annita. *Nas entrelinhas de Ana Cristina. s/d* IN: http://www.criticaecompanhia.com/annita.htm, site visitado em 25/02/2007.

MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina César – O sangue de uma poeta.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.

QUELHAS, Iza. *Pensar o poema e suas paisagens (im)possíveis: a escrita poética de Ana Cristina César.s/d.* IN:http://www.ufes.br/~mlb/fronteiras/pdf/pensar_iza.quelhas.pdf, site visitado em 25/03/2007.

SCHÜLER, Donaldo. *Eros: Dialética e retórica.* São Paulo: EdUSP, 1992.

STEINER, George. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra.* São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SÜSSEKIND, Flora. *Até segunda ordem não me risquem nada – Os cadernos, rascunhos e a poesia-em vozes de Ana Cristina César.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

VIEGAS, Ana Cláudia. *Bliss e Blue – Segredos de Ana C.*. São Paulo: Annablume: 1998.

ZANOTELLI, Jandir. *América Latina: raízes sócio-político-culturais.* 3ª ed. – Pelotas: Educat, 2004.